

MAZUROSKI Jr., A.; AMATO, L. J. D.; JASINSKI, L.; SAITO, M. Variação nos estilos de aprendizagem: investigando as diferenças individuais na sala de aula. *ReVEL*. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

VARIAÇÃO NOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM: INVESTIGANDO AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA SALA DE AULA

Aristeu Mazuroski Jr.¹

Laura Janaína Dias Amato¹

Luciana Jasinski¹

Miyoko Saito¹

aristeumj@gmail.com

laurajanaina@yahoo.de

lucianajasinski@gmail.com

msaito@onda.com.br

RESUMO: São apresentados neste artigo os resultados da aplicação de um teste sobre preferências de estilos de aprendizagem em diferentes turmas de aprendizes de língua estrangeira – Alemão, Inglês e Japonês. Os dados encontrados apontam diversidade e variação notáveis nas preferências dos aprendizes, evidenciando o papel do ambiente, histórico individual e do próprio professor como direcionadores dos canais preferenciais de cada aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Estilos de aprendizagem; Diferenças individuais; Ensino de língua estrangeira; Canais preferenciais de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ao estudar uma língua estrangeira, cada pessoa tem um estilo preferido para aprender. A pesquisa constante no tema tem revelado a importância de ajustar os estilos de aprendizado ao aluno. Quanto mais o estilo de aprendizado dos alunos se assemelha ao estilo de ensino dos professores, maiores também se tornam o nível de aproveitamento do aluno e os patamares de aprendizagem alcançados (Dunn, R., Griggs, Olson, Gorman & Beasley, 1995).

¹ Alunos do curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Dunn e Griggs (1995) conceberam um Modelo de Estilo de Aprendizagem bastante amplo, que revela que os alunos são influenciados por cinco fatores principais:

1. O ambiente imediato dos alunos (som, luz, temperatura e disposição dos móveis);
2. A própria emotividade dos alunos (motivação, persistência, responsabilidade, ou a oportunidade de fazer algo de sua própria maneira);
3. As suas preferências sociológicas (aprendendo sozinho ou em grupos de diferentes tamanhos);
4. As suas características fisiológicas (qualidades perceptivas representadas por características auditivas, visuais, reais, sinestésicas e seqüenciadas);
5. A inclinação de processamento dos alunos (global/analítica, direita/esquerda, impulsiva/reflexiva).

A respeito de características fisiológicas, essas características referem-se a quando e como os alunos aprendem da melhor maneira. O entender das características psicológicas dos alunos permite que os professores os ajudem a aprender com base em suas qualidades de percepção. As características incluem hora do dia, estimulação externa, nível de energia, e mobilidade ao estudar. Dunn (1998) concluiu que os alunos têm melhor desempenho quando os seus professores ensinam de acordo com os estilos de aprendizagem dos alunos.

Howard Gardner (1999) menciona a inteligência corporal/sinestésica, que é a inteligência de todo o corpo e mãos que nos habilita a controlar e interpretar os movimentos do corpo, a manipular objetos físicos, e a estabelecer harmonia entre a mente e o corpo. Ela não é limitada somente aos atletas, mas inclui habilidades tais como a coordenação motora fina de um cirurgião fazendo uma cirurgia de coração ou a habilidade de um navegador de aviões de afinar os instrumentos. “Essa inteligência inclui habilidades físicas específicas como coordenação, equilíbrio, destreza, força, flexibilidade, e velocidade, tanto quanto capacidades proprioceptivas e táteis” (Armstrong, 2000).

Dessa forma, frente à diversidade de fatores que podem intervir no aprendizado, é de grande interesse que os professores consigam identificar as diferenças de estilos entre seus alunos, visando ao auxílio mais efetivo na absorção do conteúdo a aproveitamento das aulas. No tópico seguinte a discussão sobre os estilos de

aprendizagem será aprofundada, devido ao foco deste artigo em sua pesquisa. Finalmente, serão apresentados os resultados das aplicações feitas pelos autores com posterior discussão.

A PESQUISA E INVESTIGAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Segundo Lopes Silva e Magno Silva (2005), a importância das estratégias e estilos de aprendizagem de línguas estrangeiras está sendo cada vez pesquisada, para a otimização do ensino. Felder (2002) afirma que os estilos são modos característicos e dominantes da forma que recebemos e processamos informações. Ele define quatro estilos: ativo X reflexivo, racional X intuitivo, visual X verbal e sequencial X global. Entre estes estilos, somente o visual² também é citado por Joy Reid (1995), nos apresentando seis estilos: visual, auditivo, tátil, sinestésico, grupal e individual. Os estilos citados por Reid foram os utilizados neste trabalho. Segundo Felder (2002), o estilo visual refere-se à recordação de elementos visuais, como figuras, diagramas, filmes, etc, contrapondo-se ao estilo verbal, que está ligado a informações feitas através das palavras tanto escritas quanto as faladas. Já para Reid (1995) a predominância do estilo visual está ligada a tudo que é captado visualmente, principalmente ligado à leitura, como de um livro ou de instruções. Ele contrapõe o estilo visual ao estilo auditivo, sendo este relacionado às palavras orais, ou seja, tudo o que for transformado em discurso oral facilita a aprendizagem do novo para indivíduos que possuam este estilo como predominante.

Silveira (2007) ao citar Ana Maria Alvarez, afirma que o indivíduo que possui um estilo mais visual é “capaz de fazer uma imagem imediata do que está recebendo como informação” e pensa rapidamente e pode até parecer desligado, já o auditivo é “capaz de montar uma história com a informação que está recebendo” e tende a fixar o olhar quando pensa. Segundo o autor, na sua citação, muitos estímulos visuais podem atrapalhar as pessoas deste estilo, assim como ruídos de fundo podem dificultar o processamento de informações relacionado ao outro estilo. O autor aponta direções sobre como agir se a pessoa tem um desses estilos. Segundo ele,

“Para os visuais:

- Procure recursos visuais sobre as matérias estudadas;

² Felder utiliza a dicotomia entre visual e verbal, já Reid utiliza o mesmo nome, visual, mas as características do estilo auditivo deste autor são semelhantes ao do estilo verbal do outro.

- Tente fazer resumos usando anotações, tabelas, esquemas, desenhos, fluxogramas, gráficos e outros recursos parecidos;
- Utilize-se das dicas anteriores, colocando-as nos mais diversos lugares;
- Visualize os gestos do professor, o modo como ele ensina;
- Tente construir imagens mentais sobre o que estiver estudando;
- Dê importância às leituras, principalmente às que contêm esquemas e resumos gráficos.

Para os auditivos:

- Procure gravar as aulas, palestras, seminários;
- Escute as gravações periodicamente;
- Faça resumos e grave-os para que você possa escutar o que escreveu;
- Procure escutar as gravações, logo assim que acordar ou antes de dormir;
- Escute mais as aulas e tente escrever pouco para ter mais atenção;
- Leia os textos em voz alta;
- Fique atento a tudo o que é falado em aula;
- Converse com os amigos sobre os conteúdos.”

Outro estilo de aprendizado apresentado por Reid é o que diferencia a preferência dos alunos pelo trabalho em grupo ou individual. Em seu artigo intitulado “Designing ESL Classroom Collaboration to Accommodate Diverse Work Styles”, Kate Kinsella e Kathy Sherak apontam os trabalhos em grupo como especialmente úteis para o aprendizado de uma segunda língua. De acordo com as autoras, eles promovem um processo ativo de listening, interpretação, clarificação, organização, facilitação de compreensão e maior retenção dos conceitos e terminologias ensinados. Acarretam a princípio uma interação que não envolve ameaças, mas muitos alunos de ESL ainda são relutantes ao procedimento. Para muitos deles, o trabalho em grupo é desorganizado, contraproducente, traz memórias desagradáveis. Eles preferem a segurança de ter o conteúdo trazido por um professor que transmita o conhecimento na frente da sala. Outros não acreditam que trocar experiências com colegas que não são tão instruídos possa trazer benefícios. Os menos eloqüentes, por sua vez, não se sentem à vontade e capazes de expressar suas idéias a fundo, falta autoconfiança e o trabalho em grupo é uma tarefa penosa. Alguns podem também achar que o professor está querendo escapar de suas tarefas profissionais, “terceirizando” o trabalho para os próprios alunos.

Portanto, o professor deve ser muito cuidadoso ao selecionar e aplicar trabalho em grupo, pois uma atividade mal-planejada não terá um resultado de sucesso. Ele deve também estar ciente de que alunos possuem estilos de trabalho em salas diferentes, cada

um tem sua preferência predominante. A tarefa deve ser elaborada de forma que cubra as expectativas desses diferentes tipos de alunos, para que todos se engajem na tarefa requisitada. Muitas das propostas de livros-texto não levam em consideração a necessidade de tornar a tarefa relevante e significativa para os diferentes tipos de alunos. As autoras acima mencionadas sugerem também que o professor aplique um questionário para que perceba que tipo de tarefas os alunos preferem e para criar estratégias de sala de aula.

Há também uma diferença no modo em que aprendizes de culturas diversas desempenham um trabalho colaborativo. A respeito do assunto, Joan G. Carson e Gayle L. Nelson (1996) conduziram uma pesquisa em que comparavam alunos chineses e espanhóis em aulas de inglês como língua estrangeira. O resultado demonstrou que o objetivo principal dos estudantes chineses era social, sendo que visavam sempre manter a harmonia do grupo, o que afetava o modo como interagiam e expressavam suas idéias em grupo. Enquanto os espanhóis eram mais expansivos, os chineses raramente iniciavam um comentário e, quando o faziam, tinham sempre a preocupação de não criar conflito dentro do grupo. Eles evitavam, portanto, corrigir o trabalho alheio e evitavam discordar quando um dos colegas os criticavam.

A fim de verificar como tais diferenças podem se apresentar em diversos momentos e ambientes de aprendizagem, foi aplicado um questionário em sala de aula, que será apresentado a seguir.

DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO UTILIZADO

O questionário aplicado foi retirado do livro “Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem”, de Joy Reid. Este teste encontra-se no anexo referente capítulo 2 do livro. Os participantes deveriam responder 30 perguntas dizendo “concordo plenamente; concordo; não tenho certeza; discordo e discordo totalmente” para cada questão, podendo haver uma resposta para cada pergunta, mas várias respostas para cada estilo, ou seja, um participante pode ter a mesma pontuação no estilo tátil e visual, por exemplo. Após somarem os resultados os estilos eram classificados como principais (de 38-50 pontos), menores (de 25-37 pontos) e indiferentes (de 0-24 pontos). É importante salientar que a pontuação na classificação menor ou indiferente não significa que os estilos ali marcados não sejam importantes,

mas que eles não são tão significativos quanto os estilos principais. O instrumento encontra-se em anexo.

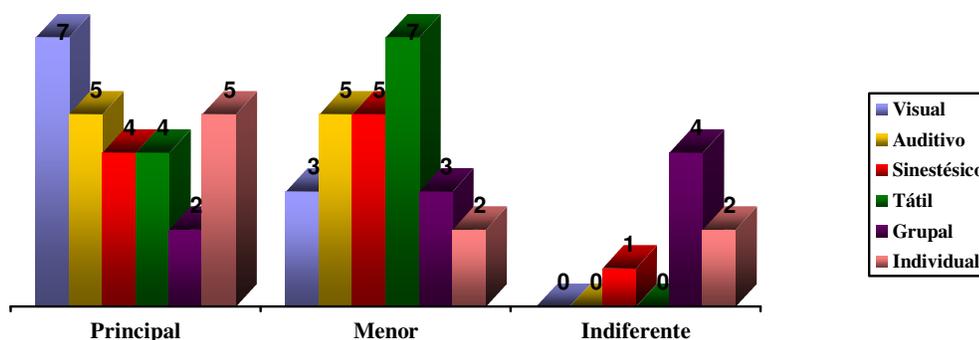
APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO E RESULTADOS PRELIMINARES

A aplicação do instrumento foi realizada por três autoras deste artigo: Laura Janaína Dias Amato, Luciana Pereira Jasinski e Miyoko Saito. Cada professora aplicou o instrumento em turmas de diferentes características e língua estrangeira foco da aprendizagem, descritos nos resultados gerais individuais abaixo. Finalmente, os dados são agrupados para uma discussão conjunta sobre os resultados.

1º grupo – Professora Laura Janaína Dias Amato

O teste foi aplicado numa turma de Alemão 3 do Celin (Centro de Línguas e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná). Neste dia estavam presentes 10 alunos, sendo a maioria deles estudantes, entre 19 e 29 anos, de áreas exatas e/ou biológicas. Este grupo é relativamente quieto e não participa das atividades propostas em grupo. O horário das aulas é das 20h30 às 22h10, sendo que a maioria deles já passou o dia estudando e trabalhando. Todos responderam o teste, mas somente alguns apresentaram interesse em saber o resultado do seu próprio teste.

Conforme o gráfico abaixo, observou-se que as preferências mais destacadas pelos aprendizes referem-se aos estilos individual, visual e auditivo, enquanto que o estilo que se destaca como de menor preferência é o tátil.



Os resultados não surpreenderam a professora, pois esta já considerava a maioria dos alunos como predominantemente do estilo visual, devido ao passado escolar dos

brasileiros que prioriza, ou melhor, foca nos recursos visuais: escrita no quadro negro, livro didático, filmes, cartazes com figuras, alfabetos pendurados na sala, etc. O que chamou um pouco a atenção foi que o estilo auditivo ficou empatado em segundo lugar com o individual. Novamente sem muita surpresa, pelo mesmo motivo explicado no estilo visual. As escolas brasileiras parecem ter estimulado a competitividade por um longo tempo e visavam a ‘meritocracia’, ou seja, aquele aluno que se destacava nas notas era o melhor e para ser o melhor o eu deve trabalhar sozinho e não dividir seu conhecimento.

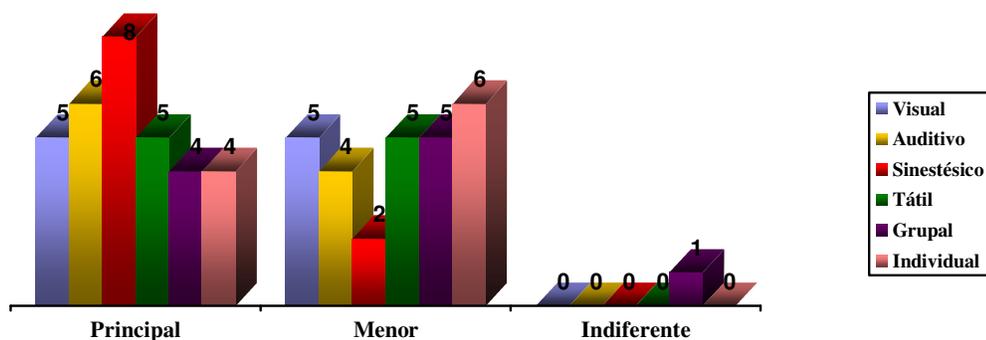
Esta perspectiva contradiz o que Kinsella e Sherak (1998, pág. 86) afirmam em seu texto, dizendo que a colaboração na sala de aula seria uma resposta construtiva à diversidade lingüística e social.

Mais interessante é o fato de que o estilo auditivo ficou em segundo lugar, apesar dele ser o menos promovido no ensino escolar. Mas os alunos em questão nessa aplicação são todos universitários não-calouros, e na universidade o professor muitas vezes não utiliza os recursos visuais, como o quadro negro, obrigando aos alunos a atentarem ao conhecimento transmitido oralmente. Mas essa habilidade talvez seja pouco usada em sala de aula de língua estrangeira, pois há uma tendência à dispersão ao não compreender a palavra oral. Isto pode se percebido quando o professor explica oralmente o significado de uma nova palavra ou diz uma nova palavra, a explicação muitas vezes é esquecida, se só falada, e a nova palavra não é utilizada, se ela não for escrita no quadro para que os alunos a copiem.

2º grupo – Professora Luciana Pereira Jasinski

Foi escolhida uma turma em especial por se tratar de alunos apenas dos cursos de Ciência da Computação e de Ciências Contábeis da UFPR. A impressão inicial sobre essa turma é de que são alunos extremamente racionais e analíticos, a começar pelas escolhas de curso que fizeram, que envolvem muitos cálculos e raciocínio lógico. Depois, pelo comportamento dos alunos em sala de aula, bastante objetivos, impessoais, sistemáticos e práticos. O teste foi aplicado em 10 alunos.

Conforme o gráfico abaixo, observou-se que as preferências mais destacadas pelos aprendizes referem-se aos estilos sinestésico e auditivo. O de menor preferência foi o individual.



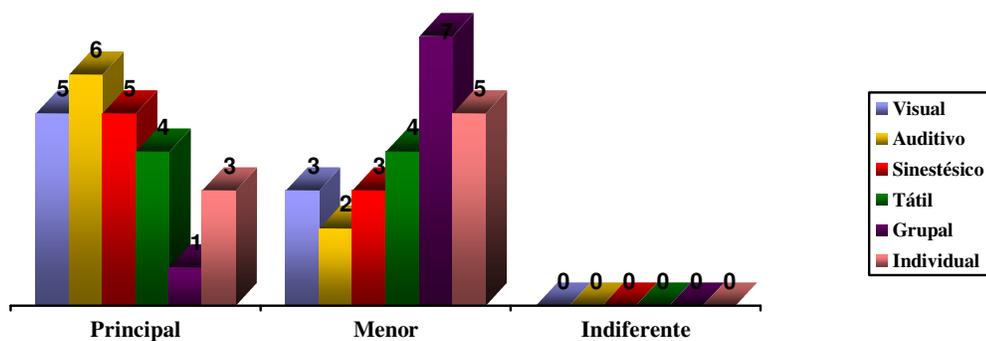
A primeira surpresa com relação aos resultados é o fato de os alunos terem uma preferência pelo aprendizado sinestésico (sendo que oito alunos dos dez majoritariamente aprendem por experimentar o novo). Atividades que envolvem um engajamento físico são raras em sala de aula (talvez por necessitarem de tempo de preparo e realização). Dificilmente o cronograma apertado ou a própria instituição de ensino permitem atividades como *field trips*, que são vistas muitas vezes como desperdício de tempo de aula. *Role-plays*, simulações faz-de-conta de situações hipotéticas, devem ser muito bem elaboradas para que não haja infantilização dos alunos. Talvez por isso não sejam muito bem aceitas pelos alunos e evitadas pelo professor. O mesmo vale para atividades táteis. Há jogos e atividades que envolvem movimentação dos alunos para seus desenvolvimentos, mas nem sempre são vistos com bons olhos por alunos acostumados ao modelo tradicional de sala de aula: um professor portador do conhecimento transmitindo informações aos alunos que passivamente ouvem e tomam nota.

Outra revelação surpreendente foi que, diferentemente do que se pensava em relação a esta turma, os alunos não rejeitam o trabalho em grupo. Por serem alunos um tanto quanto introspectivos e independentes, e pelo comportamento deles em sala de aula, esperava-se um número mais elevado de preferência por trabalho individual.

3º grupo – Professora Myioko Saito

O instrumento foi aplicado em uma turma de Língua Japonesa do nível Avançado, com 6 alunos e 2 bolsistas japoneses da Universidade do Japão.

Conforme o gráfico abaixo, observou-se que as preferências mais destacadas pelos aprendizes referem-se aos estilos auditivo, visual e sinestésico, enquanto que o estilo que se destaca como de menor preferência foi o grupal.



O teste sobre os estilos de aprendizagem apresentou resultados surpreendentes na turma em questão. Esperava-se que o primeiro lugar fosse visual devido à necessidade de concentração na escrita da língua japonesa. Também surpreende que o grupal ficou em último lugar. As pontuações para o grupal dos estudantes bolsistas do Japão foram baixas, o que parece mostrar a mudança do comportamento da geração nova do Japonês, comparado com as características antigas dos japoneses que gostavam de trabalhar em grupo. O fato de o estilo sinestésico ter ficado em segundo lugar parece demonstrar uma necessidade de os alunos aprenderem através de *Role-plays*, simulações faz-de-conta de situações hipotéticas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No geral, avaliando-se os resultados dos três grupos, percebe-se que não há uma disparidade muito grande entre as preferências de aprendizado nos alunos desses grupos, a não ser quando se recai na questão de preferência por aprendizado individual ou grupal. Isso demonstra que eles respondem bem a diferentes estímulos, e sabe-se que o bom aprendiz é exatamente o que aprende de formas variadas.

Nos três grupos parece acontecer uma rejeição global ao trabalho grupal, e isso parece estar de acordo com o fato de que mesmo em aula onde o professor “obriga” os alunos a participarem sempre é muito difícil, senão impossível, tentar com que dividissem experiências ou trabalhassem em grupo. O que inicialmente pode ser atribuído ao pouco conhecimento da língua, na verdade pode acontecer devido a uma forte característica da turma de estilo individual. Em muitos casos também se pode perceber que a turma é ainda emocionalmente imatura, gostam de ficar brincando e falando bobagens em aula e isto faz com que ela não se interesse por trabalhos em

grupo e no compartilhamento de conhecimento, conforme as Kinsella e Sherak (1998, pág 97) dizem na sua conclusão: “[Em aulas de inglês como segunda língua,] atividades colaborativas são tipicamente mais intelectuais, sociais e emocionais e exigem mais [do aluno] que uma rotina individualizada de apresentação de gramática, tomar notas ou praticar novas estruturas”.

CONCLUSÃO

Obviamente, uma pesquisa como essa não pode ser tomada como conclusiva, mas nos ajuda a quebrar alguns estigmas e estereótipos. É importante mencionar, mais uma vez, que os alunos aprendem predominantemente de uma forma ou outra, mas isso não quer dizer que não possam se beneficiar de atividades diferentes das de suas preferências ou desenvolver outros modos de aprendizagem. O papel do professor é tentar desenvolver e adaptar atividades para que englobem e engajem todos os tipos de alunos e suas preferências.

É papel de todo professor rever constantemente suas práticas pedagógicas. Tomando os cuidados necessários, é possível e benéfico incluir mais interação, tomadas de decisão em conjunto e atividades colaborativas nas aulas.

REFERÊNCIAS

1. CARSON, J.; NELSON, G. **Chinese students' perceptions of ESL peer response group interaction**. Journal of Second Language Writing, v. 5, n. 1, 1996. Disponível em <<http://www.sciencedirect.com/science>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2008.
2. DUNN, R., & GRIGGS, S.A. **Learning Styles: Quiet revolution in American Secondary Schools**. Westport. CT. Praeger, 1995.
3. FELDER, Richard (2002). Home Page. Disponível em: <http://www2.ncsu.edu/unity/lockers/users/f/felder/public/RMF.html>. Acesso em 15 de novembro de 2007.
4. KINSELLA, K. e SHERAK, K. **Designing ESL Classroom Collaboration to Accommodate Diverse Work Styles** In: REID, J. **Understanding Learning Styles in the Second Language Classroom**. Nova Jersey: Prentice Hall Regents, 1998.
5. REID, J. (Org.) **Learning styles in the ESL/EFL classroom**. Boston, MA: Heinle and Heinle Publishers, 1995.
6. SILVEIRA, Jorge (2007). **Dicas de estudo estilos de aprendizagem**. Disponível em: http://www.editoraferreira.com.br/publique/media/AU_01_jsilveira.pdf. Acesso em 09 de janeiro de 2008.

7. TEIXEIRA, G. **Conhecimento das estilos de aprendizagem dos alunos.** Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=8&texto=367>. Acesso em 10 de janeiro de 2008.

RESUMO: São apresentados neste artigo os resultados da aplicação de um teste sobre preferências de estilos de aprendizagem em diferentes turmas de aprendizes de língua estrangeira – Alemão, Inglês e Japonês. Os dados encontrados apontam diversidade e variação notáveis nas preferências dos aprendizes, evidenciando o papel do ambiente, histórico individual e do próprio professor como direcionadores dos canais preferenciais de cada aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Estilos de aprendizagem; Diferenças individuais; Ensino de língua estrangeira; Canais preferenciais de aprendizagem.

ABSTRACT: This article presents results of a test about learning style preferences which has been applied in several groups of foreign language learners – German, English and Japanese. The data found shows remarkable variations in the learners' preferences, featuring the role of the environment, personal background and the teacher as conductors of each student's learning preferences.

KEY WORDS: learning styles; individual differences; foreign language teaching; learning preferences.

ANEXO

Levantamento das Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem

Joy Reid

Instruções: As pessoas aprendem de muitas maneiras diferentes. Por exemplo, algumas pessoas aprendem principalmente com seus olhos (aprendizes visuais) ou com seus ouvidos (aprendizes auditivos); algumas pessoas preferem aprender pela experiência e/ou através de tarefas “com a mão na massa” (aprendizes sinestésicos ou táteis); algumas pessoas aprendem melhor quando trabalham sozinhas, e outras preferem aprender em grupos. Este questionário foi desenvolvido para ajudá-lo a identificar a(s) maneira(s) pelas quais você aprende melhor – a(s) maneira(s) pelas quais você *prefere* aprender.

Leia cada afirmação nas páginas seguintes. Por favor, marque as suas opções conforme **elas se aplicam ao seu estudo de língua estrangeira**. Decida se você concorda ou discorda de cada afirmação. Por exemplo, se você *concorda plenamente (CP)*, marque:

<i>Concordo plenamente (CP)</i>	<i>Concordo (C)</i>	<i>Não tenho certeza (NC)</i>	<i>Discordo (D)</i>	<i>Discordo totalmente (DT)</i>
X				

Após ler cada afirmação, marque sua opção rapidamente, sem pensar durante muito tempo. Tente não mudar suas respostas depois de tê-las escolhido. Por favor, marque todas as questões. Depois utilize os materiais que seguem o questionário para avaliar suas respostas.

CP C NC D DT

1. Quando a professora me diz as instruções, eu entendo melhor.					
2. Eu prefiro aprender fazendo alguma coisa em sala de aula.					
3. Meu trabalho rende mais quando eu o faço com outros.					
4. Eu aprendo mais quando estudo com um grupo.					
5. Em classe, em aprendo melhor quando trabalho com outros.					
6. Eu aprendo melhor lendo o que a professora escreve no quadro.					
7. Quando alguém na classe me explica algo, eu aprendo aquilo melhor.					
8. Quando eu desenvolvo tarefas em aula, aprendo melhor.					
9. Eu me lembro melhor de coisas que eu tenha ouvido do que lido, na aula.					
10. Quando eu leio as instruções, eu me lembro melhor delas.					
11. Eu aprendo melhor quando consigo criar um modelo.					
12. Eu compreendo melhor quando leio as instruções.					
13. Quando estudo sozinho, lembro-me melhor.					
14. Eu aprendo mais quando faço algo para um projeto em classe.					
15. Eu gosto de aprender em classe fazendo experiências.					
16. Eu aprendo melhor se faço desenhos enquanto estudo.					
17. Eu aprendo melhor em classe quando a professora dá					

uma aula expositiva.					
18. Quando trabalho sozinho, aprendo melhor.					
19. Eu entendo as coisas melhor em classe quando participo de dramatizações.					
20. Eu aprendo melhor em classe quando ouço alguém.					
21. Eu gosto de realizar uma tarefa junto com dois ou três colegas.					
22. Quando construo alguma coisa, eu me lembro melhor do que aprendi.					
23. Eu prefiro estudar junto com outras pessoas.					
24. Eu aprendo melhor lendo do que ouvindo outros.					
25. Eu gosto de colaborar em projetos na aula.					
26. Eu aprendo melhor em classe quando posso participar de atividades relacionadas ao que estou aprendendo.					
27. Em classe, trabalho melhor sozinho.					
28. Eu prefiro desenvolver projetos sozinho.					
29. Eu aprendo mais lendo o livro do aluno do que ouvindo aulas expositivas.					
30. Eu prefiro trabalhar sozinho.					

Folha de auto-avaliação para o Levantamento de Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem

Instruções: Há cinco afirmações para cada categoria de aprendizagem neste questionário. As questões estão agrupadas abaixo de acordo com cada estilo de aprendizagem. Cada questão que você responde recebe um valor numérico:

<i>Concordo Plenamente</i> (CP)	<i>Concordo</i> (C)	<i>Não Tenho Certeza</i> (NC)	<i>Discordo</i> (D)	<i>Discordo Totalmente</i> (DT)
5	4	3	2	1

Preencha as lacunas abaixo com o valor numérico de cada resposta. Por exemplo, se você marcou *Concordo Plenamente* para a afirmação 6 (uma questão visual), escreva o número 5 (CP) na lacuna ao lado da questão 6:

Visual

6 5

Quando tiver completado todos os valores numéricos para o aspecto *Visual*, some os números. Multiplique o resultado por 2, e escreva o total na lacuna apropriada.

Siga esse processo para cada uma das categorias de estilos de aprendizagem. Quando terminar, consulte a escala que segue. Ela a ajudará a determinar sua(s):

Preferência(s) **principal(is)** em estilos de aprendizagem: escore: 38-50

Preferência(s) **menor(es)** em estilos de aprendizagem: escore: 25-37

Preferência(s) **indiferente(s)** em estilos de aprendizagem: escore: 0-24

Se precisar de ajuda, peça à professora.

Folha de Avaliação

Visual

6 _____

10 _____

12 _____

24 _____

29 _____

Total _____ x 2 = _____

Tátil

11 _____

14 _____

16 _____

22 _____

25 _____

Total _____ x 2 = _____

Auditivo

1 _____

7 _____

9 _____

17 _____

20 _____

Total _____ x 2 = _____

Grupal

3 _____

4 _____

5 _____

21 _____

23 _____

Total _____ x 2 = _____

Sinestésico

2 _____

8 _____

15 _____

19 _____

26 _____

Total _____ x 2 = _____

Individual

13 _____

18 _____

27 _____

28 _____

30 _____

Total _____ x 2 = _____

Explicação das Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem*³

Os alunos aprendem de muitas maneiras diferentes. Os resultados do Questionário de Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem mostra de que maneiras você prefere aprender Inglês. Em muitos casos, as preferências em estilos de aprendizagem dos alunos demonstram quão bem eles aprendem a matéria em diferentes situações.

³ A explicação dos estilos de aprendizagem foi adaptada do Instrumento de Estilos de Aprendizagem C.I.T.E., do Centro de Ensino Murdoch, Wichita, Kansas 67208. Utilizado com permissão.

As explicações das preferências principais em estilos de aprendizagem abaixo descrevem as características desses alunos. As descrições lhe fornecerão informações sobre as maneiras pelas quais você aprende melhor.

Preferência principal **Visual** em estilos de aprendizagem

Você aprende melhor *vendo as palavras* em livros, no quadro, e em livros de exercícios. Você lembra e compreende informações e instruções melhor se você *as ler*. Você não precisa de tanta explicação oral como um aprendiz auditivo, e você consegue muitas vezes aprender sozinha com o livro. Você deve tomar notas de aulas expositivas, palestras e instruções orais, se quiser se lembrar das informações.

Preferência principal **Auditiva** em estilos de aprendizagem

Você aprende *ouvindo as palavras* faladas e através de explicações orais. Você pode se lembrar de informações *lendo-as em voz alta*, ou movendo seus lábios enquanto lê, especialmente quando está estudando matéria nova. Você se beneficia de ouvir gravações, palestras, e discussões em classe. Você também se beneficia de produzir gravações para ouvi-las depois, de ensinar para os colegas, e de conversar com sua professora.

Preferência principal **Cinestésica** em estilos de aprendizagem

Você aprende melhor pela experiência, envolvendo-se fisicamente nas experiências de sala de aula. Você se lembra bem de informações quando participa ativamente de atividades, aulas de campo, e de dramatizações durante a aula. Combinações de estímulos – por exemplo, uma gravação em áudio juntamente com uma atividade – ajudarão você a compreender matéria nova.

Preferência principal **Tátil** em estilos de aprendizagem

Você aprende melhor quando tem a oportunidade de participar *experiências nas quais “põe as mãos”* nos materiais. Ou seja, fazer experiências num laboratório, manusear e construir modelos, tocar e trabalhar com materiais lhe fornecem as situações de aprendizagem em que você é mais bem-sucedida. *Fazer anotações ou escrever instruções* pode ajudá-la a se lembrar de informações, e o *envolvimento físico* nas atividades escolares podem ajudá-la a compreender matéria nova.

Preferência principal **Grupal** em estilos de aprendizagem

Você aprende mais facilmente quando estuda com pelo menos mais uma aluna, e você será mais bem-sucedida nos exercícios quando *trabalhar com outros*. Você valoriza a integração com o grupo e o trabalho em aula com as colegas, e você se lembra melhor das informações quando trabalha com duas ou três colegas. O estímulo que você recebe do trabalho em grupo a ajuda a aprender e compreender novas informações.

Preferência principal **Individual** em estilos de aprendizagem

Você aprende melhor quando trabalha *sozinha*. Você pensa melhor quando estuda sozinha, e você se lembra das informações que aprende sozinha. Você entende melhor a matéria quando a aprende sozinha, e progride mais na aprendizagem quando trabalha sozinha.

Estilos de aprendizagem **menores**

Na maioria dos casos, os estilos de aprendizagem chamados menores indicam áreas em que você pode operar bem como aprendiz. Geralmente, um aprendiz muito bem-

sucedido consegue aprender de várias maneiras diferentes e, portanto, talvez você queira experimentar formas de praticar e aperfeiçoar seus estilos de aprendizagem menores.

Estilos de aprendizagem **indiferentes**

Com frequência, um escore indiferente indica que você pode ter dificuldade em aprender daquela maneira. Uma solução pode ser direcionar sua aprendizagem aos seus estilos mais dominantes. Outra solução pode ser tentar desenvolver algumas das habilidades que podem aperfeiçoar seu(s) estilo(s) de aprendizagem em áreas indiferentes.

Recebido no dia 19 de maio de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 18 de julho de 2008.